

NO PRINCÍPIO, ERA O VERSO

DEPOIS DA LINHA DA FRENTE, JOÃO AGUARDELA E LUÍS VARATOJO REGRESSAM À POESIA FEITA CANÇÃO COM A NAIFA – PROJECTO ONDE A ELECTRÓNICA CONTAMINA O FADO.

«Aquele poema / ao contrário dos outros
tinha pólvora / só lhe faltava
o rastilho»

— No princípio, eram os versos. E foi em torno dos versos de poetas de nome feito que João Aguardela (ex-Sitiados) e Luís Varatojo (de Peste & Sida a Despe & Siga) construíram a Linha da Frente.

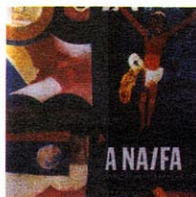
Por lá, deram música aos versos de Pessoa, Ary, O'Neill, Aleixo e outros. Por lá, revelaram a vontade de musicar poesia – essa mesma vontade que os traz de volta, dois anos depois, à poesia feita canção.

Deixada para trás a Linha da Frente, o regresso faz-se com A Naifa – projecto con-

ceptual em torno de uma ideia que, não sendo nova, se reveste constantemente de novas possibilidades.

Ingredientes: a poesia, o fado, a electrónica. A poesia é a de jovens autores portugueses – José Luís Peixoto e Adília Lopes serão, talvez, os mais conhecidos; o fado e a electrónica, esta sonoridade «electro-fado», vêm da guitarra portuguesa de Luís Varatojo, da produção de Varatojo e João Aguardela (é notória a ascendência Megafone – projecto do ex-Sitiados em torno da tradição oral portuguesa) e da voz de Maria Antónia Mendes (Mitó) – uma estreia em disco.

Resultado: *Canções Subterrâneas*. 12



A NAIFA
Canções Subterrâneas
Sony Music
●●●

poemas, 11 canções, uma forma diferente de cantar poesia e uma nova roupagem para o fado. Nova? Bem, não será por aqui que o fado se renova. Por aqui, por este fado cantado sobre ambientes electrónicos, sente-se, naturalmente, o passado da Linha da Frente e do Megafone, mas também se ouvem sussurros de Ovelha Negra e se sente falta da ousadia de Sam The Kid.

Por aqui o fado não é gingão (fica perto em *Poema com domicílio / Questão da noite*, mas não chega a respirar a taberna nem a cheirar a bairro antigo), o fado não é saudade (em *Música* sente-se a saudade, mas não sabe a fado), o fado não é do povo (é sofisticado e elegante como a música dos bares da noite daquela «avenida nova» de *Bairro Velho*).

Pegando nas palavras (que são o mais importante) de José Mário Silva em *Perigo de Explosão*, estes poemas têm pólvora, este fado tem rastilho, mas o que aqui falta é chama que pegue fogo e faça explodir estas *Canções Subterrâneas*, é calor, é alegria, é ritmo. E é soltura na voz que canta – a querer fugir mas sem espaço para voar (e atenção que nesta voz há qualquer coisa... uma vontade, uma promessa?).

O mesmo se pode dizer da guitarra portuguesa, a que parece faltar aqui a exultação das casas de fado, o desprendimento que todo o fado, mesmo o mais melancólico e acabrunhado, sabe deixar transparecer. Resta aos dedos de Luís Varatojo o saber e o sentido de musicalidade, que se ouvem com agrado em *Música* (um dos mais interessantes momentos, sobre um dilacerante poema de José Luís Peixoto), em *Queixas de um utente / Deus é a nossa mulher-a-dias* (a partir da ironia de José Miguel Silva e Adília Lopes) e em *Os milagres acontecem* (a fé feita poema na pena de Ana Paula Inácio).

E no fim, o que resta a *Canções Subterrâneas*? No fim, restam os versos, as palavras, a voz de uma geração que reflecte os dias, os problemas, a sociedade de hoje.

No fim, fica a ideia de um projecto que abre mais portas, que revela mais caminhos e deixa pistas para explorar.

Ricardo Sérgio